

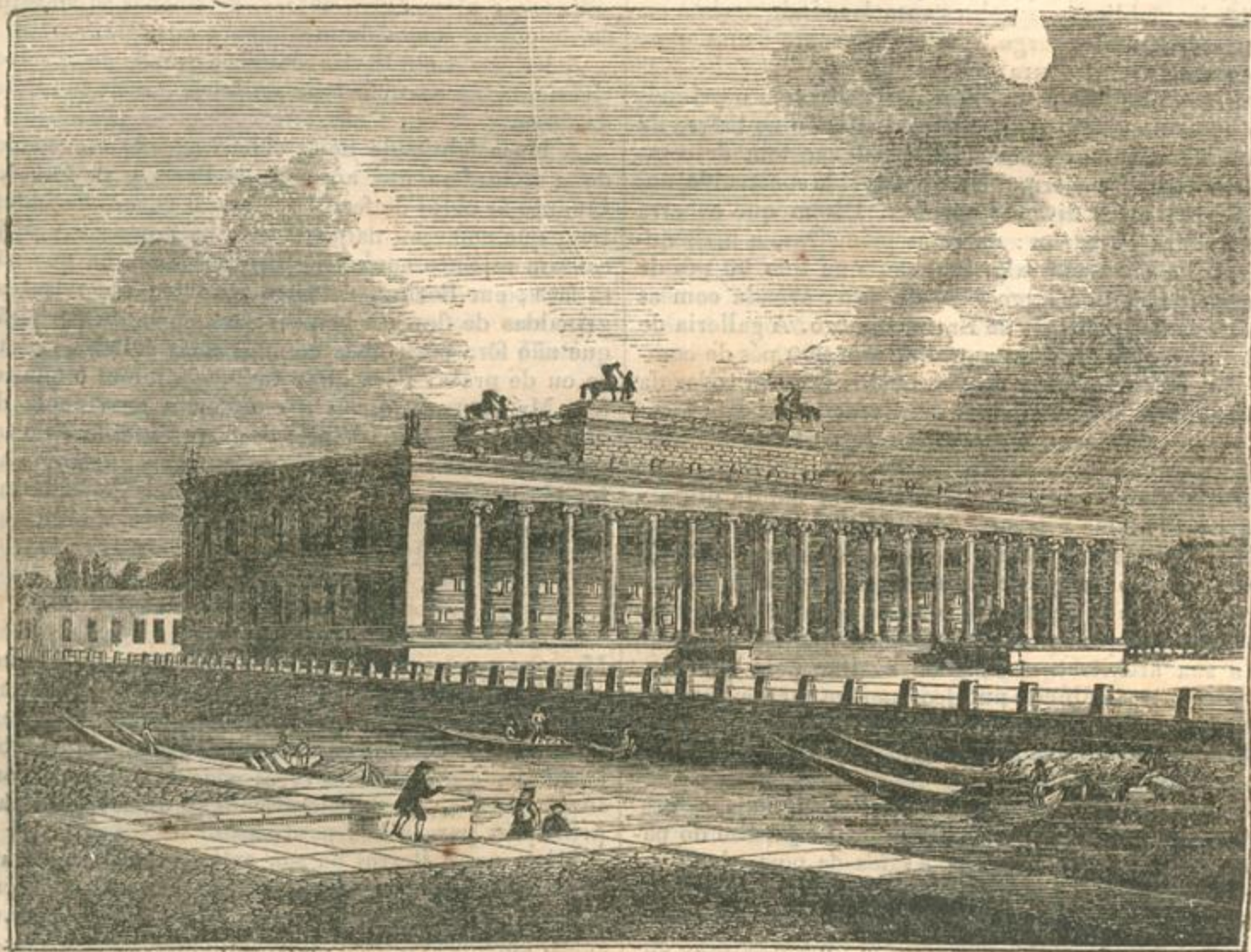
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

65) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 28, 1838



MUSEU DE BERLIN.

## BERLIN.

A CIDADE de Berlin, capital da monarchia prussiana, sede do governo, e dos principaes tribunaes de justiça, está edificada nas margens do Sprée, no meio de um areal. Exceptuando Vienna, Berlin é a maior cidade de Alemanha: e na ordem das cidades mais populosas da Europa é a nona, tendo perto de 240 \$ 000 habitantes.

O Sprée divide-a em duas porções, quasi eguaes. O numero de edificios que hoje contem, orça por 10 ou 12 mil, isto é por oito ou dez vezes mais do que os que tinha ha 200 annos. Berlin então teria 14000 habitantes. No principio do seculo treze no lugar d'esta cidade, tão celebre e grandiosa hoje, havia duas pequenas aldéas Berlin e Colonia a velha, pertencentes ao margravio de Brandenburgo. Pouco depois foram elevadas as duas povoações á cathegoria de cidade e consideradas como uma unica; porém o seu grande crescimento só começou em 1640. O eleitor de Brandenburgo Frederico Guilherme, chamado o grande, foi quem elevou Berlin a notavel gráu de esplendor, accrescentando-lhe dois bairros, e fortificando-a de novo. O seu successor, que tomou o titulo de rei, lhe augmentou outro bairro, e finalmente Frederico Guilherme, e seu filho Frederico o gran-

de, lhe alargaram os limites, e a enobreceram com obras magnificas; não tendo menos cuidado em augmenta-la e adorna-la os dois reis seus successores..

Todos dizem que Berlin é uma das mais formosas cidades da Europa, e talvez, por esta parte, a primeira depois de S. Petersburgo, consistindo o seu principal merito na regularidade das ruas, e na uniformidade dos edificios; mas esta formosura é, por assim dizer, morta: uma cidade, que não offerece contrastes, é triste e tediosa. A nossa Lisboa, se fosse toda edificada como a cidade baixa, fora a mais melancholica cidade do mundo: porque uma capital deve ser o monumento de todos os seculos da existencia nacional; e qualquer cidade, onde um bairro é como outro bairro, uma rua como outra rua; uma cidade vasada toda no mesmo molde, é para admirar ao primeiro aspecto; mas para se aborrecer dentro de meia hora.

Berlin tem mais de quarenta pontes, lançadas, ou sobre o Sprée, ou sobre os canaes que nelle desaguam. A principal é a *Langen-Bruck* ou ponte comprida, que une o bairro propriamente chamado Berlin com a Colonia velha. É toda de cantaria, e tem de comprimento 165 pés. Nesta ponte está a estatua equestre de bronze do grande eleitor Frederico Guilherme..

Trinta egrejas ha nesta cidade, das quaes as me-

lhores são a de S. Hedwiges, que pertence aos catholicos, a dos calvinistas francezes juncto á praça dos gendarmes, e a egreja chamada da guarnição, que é a maior de Berlin.

Das ruas a mais celebre é a *Linden-Strass* ou rua dos tis, a mais magnifica de toda a Alemanha, e talvez da Europa. Tem de comprido quasi uma milha: está dividida por fieiras de tis e castanheiros, em cinco passeios, e acompanhada por um e outro lado de edificios publicos, e nobres casarias, indo acabar na porta de Brandenburgo, que neste genero é uma obra prima de architectura.

Entre os edificios publicos de Berlin tem o primeiro logar o palacio real, que está situado no bairro de Colonia a velha. Este edificio oblongo tem de comprido 460 pés: é irregular por ter sido construido aos pedaços, e em diversas epochas. Dizem que encerra 500 sallas e quartos: entre as primeiras, a mais notavel é a chamada salla-branca, que tem 90 pés de comprido, 50 de largo e 40 de alto, ornada com as estatuas dos eleitores de Brandenburgo. A galleria de pinturas, que tambem aqui ha, tem 200 pés de comprido, e contém obra de 300 quadros, quasi todos da eschola flamenga e allemaã. A livraria real está tambem neste palacio, e compõe-se de perto de 200.000 volumes. É esta a residencia do principe real, e de seu tio Guilherme. Elrei de Prussia habita ordinariamente n'uma casa mais pequena, em *Linden-Strass*.

Nas costas do palacio ha grandes jardins, em cujo topo está o magnifico museu cuja vista apresentamos, e que se acabou de construir em 1829. A frente deste sumptuoso edificio tem 280 pés de comprido, e a sua architectura se póde avaliar pela estampa.

Dos outros edificios publicos merece particular menção o arsenal. Maltebrun diz que é o maior da Europa, contendo armas e munições para um exercito de 200.000 homens.

Além da *Linden Strass* tem Berlin mais os passeios publicos de *Lust-Garten*, que é o jardim do palacio real—o *Thier-Garten*, á saída da porta de Brandenburgo, e o de Charlottenburgo a distancia de meia legua de Berlin. Estes jardins, ou passeios, posto que grandes e sumptuosos, apresentam uma vegetação enfesada, por causa da pessima qualidade do terreno, em que estão assentados.

Depois de termos dado uma rapida noticia do progresso e estado actual de Berlin, na sua parte material, diremos tambem alguma cousa da sua civilização, e progresso litterario, e industrial.

A universidade de Berlin foi fundada em 1810. Ao celebre philologo Wolff, ao ministro Stein [que a principio muito se oppozera ao seu estabelecimento] ao historiador Muller, e ao bñrão de Humboldt se deve a creação desta universidade. Stein queria primeiramente que se estabelecesse em Potsdam; mas convencido por aquelles tres illustres sabios de que os logares mais proprios para semelhantes institutos são as capitães, trabalhou com todo o affinco em a erigir. Reuniram-se os mais habeis professores d'Almanha, e a nova instituição tem maravilhosamente prosperado. A universidade de Berlin é uma das primeiras da Europa. Em litteratura nenhuma se póde comparar com ella, e em medicina nenhuma de Almanha, a não ser a de Gottinga, que alguns dizem levar-lhe vantagem. O numero de professores e mestres anda por 120 a 130, e o dos estudantes por perto de 2000; mais de 400 são estrangeiros. Dependentes da universidade estão varios outros estabelecimentos, como o observatorio, o jardim botanico, o theatro anatomico, o museu zoologico, que só no artigo aves—tem mais de 7000, uma colleção mineralogica, outra de instrumentos cirurgicos &c,

Afora a universidade ha em Berlin um enxame de sociedades litterarias, que trabalham activamente no progresso de cada um dos ramos de conhecimentos, a que são especialmente dedicadas, no que se não parecem com as sociedades litterarias de varios outros paizes. Ha pois, em Berlin, a Academia real das sciencias; a Academia das boas artes, sciencias mechanicas, e architectura; e as sociedades de historia natural, de philosophia natural, de geographia, de horticultura; e além disso, outras, destinadas só ao estudo de outros ramos de medicina e cirurgia.

A industria em Berlin chegou a grande auge, especialmente na manufactura de louça, e de fundições de ferro.

A louça fabricada nesta cidade excede em bondade e delicadeza até a louça de Paris e de Dresda. Quanto ás obras de ferro, sendo um genero de industria, que começou naquelle paiz ha poucos annos, já causam espanto aos estrangeiros.—Nada ha que não se faça, em Berlin, de ferro fundido; até retratos, grinaldas de flores e brincos: e com tanta perfeição que não fõra possivel fazerem-se mais delicados d'ouro ou de prata. Para dizer tudo, citaremos o que refere Mr. Russel, que viu em Berlin uma copia da *Cea* de Leonardo da Vinci, de ferro fundido e do tamanho de seis pollegadas de comprido e quatro de alto, tão perfeita e acabada, como a mais delicada miniatura.

## PONTUAÇÃO.

### II

Mostramos no artigo antecedente, que, sem a necessaria pontuação, o mais formoso discurso póde converter-se em um ridiculo amontoado de palavras, sem nexo, nem sentido. Mostraremos agora quanta obscuridade, e até quantos erros póde causar uma pontuação errada; e estabeleceremos algumas regras mais principaes para a boa pontuação.

Diz o nosso Barros na sua *orthographia*: — “uma das cousas principaes da orthographia, pela qual entendemos a escriptura, é o apontar das partes e clausulas, em que os latinos mostraram muita diligencia.” — “E dado, prosegue o mesmo auctor, que o entendimento, pela maior parte, quando imos lendo qualquer escriptura, elle vae fazendo os pontos que se requerem, sem os ter; muitas vezes os mesmos pontos lhe fazem sentir a verdade della.” João de Barros dá então o exemplo d'uma dicção amphibologica em que tirados os pontos, ou mal collocados, se póde entender o contrario do que se queria dizer. Eis o exemplo.

“Ler as obras de Luthero nunca obedecer ao papa é o mais seguro para a salvação.”

Este periodo se póde pontuar de dois modos, que dão dois sentidos contrarios.

1.<sup>o</sup> — Ler as obras de Luthero, nunca! — Obedecer ao papa é o mais seguro para a salvação.

2.<sup>o</sup> — Ler as obras de Luthero; nunca obedecer ao papa, é o mais seguro para a salvação.

Temos outro exemplo. Quando S. Marcos refere a resurreição de J. C., diz: *Resuscitou; não está aqui.* Trocae os pontos ao periodo, e fareis fallar o evangelista, como se fosse um incredulo: — Resuscitou? — Não. Está aqui. —

Já vemos pois não só a necessidade da pontuação; mas tambem a de empregar os signaes della correctamente; aliás entenderão muitas vezes o contrario do que queriamos dizer.

Os caracteres usuaes da pontuação vem a ser: virgula, ponto e virgula, dois pontos, e ponto. A regra principal e popular, para o uso destes diferentes si-

gnaes, é, como dissemos, a pausa do discurso. Quando esta pausa é levíssima, usamos da virgula; quando é mais demorada, usamos de ponto e virgula, ou de dois pontos; quando, emfim, acabamos o periodo, e tomamos toda a respiração, pomos o ponto final. Daremos sobre cada um destes signaes algumas explicações e exemplos.

1.<sup>o</sup> A *virgula* indica a menor de todas as pausas, isto é, uma pausa quasi insensível, como por exemplo:

“Fazem os poetas quatro edades, ás quaes dão diferentes nomes, tomados de metaes da terra, como ouro, prata, cobre, ferro. Á idade de ouro attribuem todas as cousas d’ouro, bondade na gente, fertilidade na terra, quietação e paz no mundo, e um verão perpetuo, e contínuo, sem os homens saberem de outro tempo. — *M. Correa. Comm. a Camões.*

Outro exemplo.

“Entra em uma religião das menos austeras, veste, come, conversa, não o penhoram por dividas, não o prendem para a fronteira, não tem cousa que lhe dê cuidado, nem elle o toma. — *Vieira. Serm.*

2.<sup>o</sup> *Ponto e virgula.* — Quando as partes principaes, em que uma proposição é dividida, são subdivididas em partes subalternas, devem estas ser separadas entre si por virgulas, e as partes principaes por ponto e virgula; pois que esse character indica uma pausa pouco maior que a da virgula, como melhor se percebe do seguinte exemplo.

“Se alguém visse, desde um posto eminente, todas as mudanças, que no mundo succedem em espaço de meia hora, que admirado ficára de ver a furia, com que esta roda se revolve! — Veria aqui prantos, acolá festas; aqui banquetes, acolá brigas; agora desposorios, e logo enterros; por uma parte batalhando, por outra navegando armadas; estes edificam, aquelloutros destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aquelles descem. — *Bernardes. Meditaç.*

3.<sup>o</sup> *Dois pontos* indicam uma pausa mais consideravel, que a do ponto e virgula. Ora a mesma proporção, que regula o uso respectivo da virgula, e do ponto e virgula, quando ha divisão, e subdivisão dos sentidos parciaes, deve tambem regular o uso dos dois pontos; e isto no caso, em que houver tres divisões, dependentes umas das outras. Exemplo.

“Porque o rigor da observancia, só por si, era bastante a sustentar a ordem em sua frescura e formosura: o que as letras, desacompanhadas da observancia, não podiam fazer; porque todas as cousas era certo conservarem-se pelos meios que foram adquiridas: e á nossa ordem mais credito lhe grangeára a virtude de nosso padre S. Domingos; que não suas letras: e os famosos letrados, que tivemos, por isso a honraram, e honram hoje em dia; porque junctaram com as letras grande pureza de vida. — *Sousa. Vida do Arceb.*

Neste exemplo notámos uma proposição principal, a que se seguem outras subalternas, entre as quaes é necessario fazer uma pausa maior, do que a do ponto e virgula. Tambem é uso universal, e fundado em razão, o pôr dois pontos quando annunciamos um discurso directo, que vac referir-se: como por exemplo.

“Aqui tomou a mão o provincial, e foi proseguindo o mesmo argumento, mostrando-lhe com vivas razões, que o bispo apontara bem: e dizia: &c. — *Souza. Id.*

É necessario notar, que, quando repetimos directamente um discurso alheio, o devemos começar por letra grande ou capital, posto que na phrase antecedente se não haja de pôr ponto final, mas sim dois pontos.

4.<sup>o</sup> — *O ponto.* — Ha tres generos de pontos; *ponto simples, ponto interrogativo, e ponto admirativo ou exclamativo.*

O ponto simples é sujeito á influencia da proposição; que, até aqui, tem parecido regular o uso dos outros signaes da pontuação: e portanto deve-se pôr no fim de todos os periodos, em que os seus differentes membros, ou partes subalternas principaes, tenham sido divididos por ponto e virgula, ou dois pontos, e em que o sentido da proposição, ou periodo, esteja completo. Emfim, por via de regra, colloca-se o ponto no fim de todas as phrases, periodos, ou proposições, que são inteiramente independentes do que se segue, ou que só com elle tem relação pela conveniencia e semelhança do objecto, e analogia geral das idéas. Do primeiro e segundo caso daremos exemplos.

“Alli via Christo estes seus amigos, com lhes mostrar o que elle passou, e com uma particular luz, em que lhes faz conhecer, que aquelle é o verdadeiro caminho de vencer, e de se desapegar de toda a humana amizade, e passa-la toda a elle: em que os inimigos e amigos são pura e verdadeiramente amados; e com que os falsos amigos são com paciencia soffridos: e a quem os braços da alma perseguida e accossada destes trabalhos, abraçam como unico e verdadeiro amigo, e ella nelle se alegra, se consola, e se assegura. — *Fr. Th. de Jesus. Trabalhos de J.*

Neste exemplo vemos um periodo, dividido em diversos membros, que vem acabar o sentido com um ponto final. Demos agora outro exemplo, em que a divisão das idéas seja indicada com pontos finaes, por não haver entre ellas mais ligação, do que a de ser a mesma a materia geral do discurso.

“Certo é que se não pôde acabar a fama com a vida; antes as obras famosas na sepultura cobram mais larga vida, e são mais louvados os auctores dellas. Os feitos valorosos vão libertando seus donos da lei da morte: fazem que ella sobre elles menhum poder, nem jurisdicção tenham. Inda mal; porque os nossos aprendem mais para esgaravatar demandas, e destruir fazendas, que para desenterrar das trevas do eterno olvido os triumphos e conquistas dos seus antepassados. — *Arraes. Dialogos.*

O *ponto interrogativo* põe-se no fim de qualquer proposição, phrase ou palavra, com que se pergunta alguma cousa: como por exemplo:

“Dize-me, falta-te, porventura, a fé, ou falta-te o juizo? Crês que um peccado não custou menos que a vida de um Deus, e peccas? O mal que tens feito, não o podem remediar todas as creaturas, junctas em teu soccorro, e descanças, jazendó entre os teus mesmos peccados? — *Bernardes. Exerc.*

O *ponto admirativo*, ou *d’exclamação*, põe-se no fim de todas aquellas phrases, que exprimem espanto, terror, ou outro algum sentimento profundo e affectuoso, como ternura, piedade &c. Exemplo.

“Ah senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço dizer, que dizeis, o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço dizer, que são palavras vossas, o que são imaginações minhas: que me não quero excluir deste numero! Que muito, logo, que as nossas imaginações, e as nossas vaidades, e as nossas fabulas, não tenham a efficacia da palavra de Deus. — *Vieira. Serm.*

Ha muitas phrases que exprimem ao mesmo tempo interrogação e admiração. Para estas se carece de um signal particular, que ainda não está em uso, nem até inventado. Este *tom* do discurso se pôde mui bem fazer perceber ao leitor, usando conjunctamente de ambos os pontos, interrogativo e admirativo, como na seguinte passagem:

“Que me faça respeitar dos pobres, gastando em minha pessoa, e tirando aos mesmos pobres aquillo com que os posso remediar e manter?! Que metta, em ataviar criados, e dourar baixellas, e ornar paredes mortas, o cabedal com que posso amparar a orphaã, soccorrer a viuva, e ves-

tir paredes vivas?! Que empregue tempo e cuidado em apparato de mesa, e mestres de cosinha, para que sobejem potagens, que desbaratam a saúde, levam a fazenda, e aos pobres não matam a fome?! Quem não vê que isto são preceitos gentilicos?! — *Sousa. Vida do arceb.*



CHEFE POLYNESIO.

POLYNESIA.

A OCEANIA oriental ou Polynesia é uma das quatro divisões em que os geographos repartem essa innumeravel multidão de ilhas, que cobrem o Oceano Pacifico, e que formam a quinta parte do mundo. Esta divisão comprehende os archipelagos Hawaii, Nouka-Hiva, Pomotou, Taiti, Hamoa, Tonga, as ilhas da nova Zelandia, as ilhas Chatam, e muitas outras deramadas por aquelles mares.

Os habitantes destas ilhas tem commummente uma estatura maior que a mediana, feições avultadas, nariz aquilino, cabello corredio, e a cor tirando a azeitonada; as mulheres são altas e grossas, sem serem desmesuradamente gordas. — Nota-se que nestas ilhas as familias dos chefes e das pessoas principaes são as mais robustas de todas: e mui superiores ao povo commum pela regularidade das fórmas. Tem para si que quanto mais a cor da pelle tira a negro, maiores forças indica no individuo.

Quanto ás suas faculdades mentaes pouco tem ainda sido desinvolvidas; mas parecem serem capazes de grandes progressos. As suas instituições systematicas,

a eloquencia arrasoadá, que mostram nas suas assembleas nacionaes, e a copia e pureza da sua linguagem, e a grande aptidão que tem para tudo quanto lhes ensinam, principalmente para o calculo, evidenciam a sua natural agudeza. Grande numero de pessoas já adultas aprenderam a ler o Novo Testamento em doze mezes, começando por aprender o alfabeto.

No seu tracto domestico são alegres, agasalhadores, e bem inclinados. São sobrios, e de pouco trabalho: deitam-se muito cedo e levantam-se antes de romper o dia. A duração commum da vida entre estes povos, regula pela duração da vida em outra qualquer nação.

A povoação destas ilhas anda por 50:000 almas. Todavia, não só pelo testemunho dos naturaes, como pela prova mais decisiva, das ruinas de edificios, que se veem em qualquer parte daquellas ilhas, é manifesto que a povoação foi muito maior do que é hoje: as crengas religiosas, as guerras, os infanticidios eram antes da chegada dos inglezes á Polynesia, a causa da diminuição daquella gente.

As suas guerras eram frequentes e sanguinarias: pelejavam com cacheiras, virotes, zargunchos, e fundas. Ao começarem uma campanha, offereciam sacri-

fícios humanos a *Oro*, deus da guerra, e invocavam o seu favor. Equipavam-se e reuniam-se então as canoas de guerra; puliam e aguçavam as armas, e enviavam mensageiros a requerer aos partidarios dos contendores, que se reunissem em certo tempo, no logar para isso aprazado. Eram os sacerdotes pessoas importantissimas nestas occasiões: practicavam-se varios ritos e ceremonias; e faziam-se sacrificios para tornar as divindades propicias. Às vezes reuniam numerosos exercitos; quando o capitão Cook lá estava deu á vella uma frota de 170 canoas levando cada uma 40 homens, o que montava a mais de 6:000 combatentes.

As mulheres acompanhavam ás vezes seus maridos a estas expedições sanguinolentas; mas commumente só pelejavam com as mãos e unhas. O vestuario dos guerreiros era magnifico: todos entravam em combate com os melhores trajos, que eram de certo panno muitissimo encorpado, que elles proprios fabricavam. Usavam uma especie de turbantes muito grandes, ou elmos do feitio, pouco mais ou menos, dos romanos, tecidos de verga, bastidos de panno, e ornados de pennachos verdes e vermelhos. Nas orelhas levavam bocados de madreperola e de outras conchas, pendurados em feixes. Alguns usavam uma casta de armadura de malha, tão apertada ao corpo que apenas os deixava bulir, só com o fim de tomarem um aspecto terrivel.

Quando os exercitos se encontravam, os guerreiros se assentavam no chão á roda dos seus chefes, usando da linguagem mais affrontosa uns contra os outros: então erguiam-se dois ou tres, e desafiavam egual numero de contrarios: a estes seguiam-se outros, até que a peleja se tornava geral. O primeiro prisioneiro que se apanhava era sacrificado vivo: o resto delles eram assassinados depois, ou conservados para escravos.

Mas os horrores destas guerras de selvagens começavam propriamente quando o bando vencido era obrigado a fugir. Os vencedores separavam-se: um troço delles continuava a perseguir os fugitivos, e outro accommettia as povoações inimigas, e assassinava os habitantes sem compaixão, e sem distinguirem sexo nem idade. Todas as suas guerras eram de extermínio; e os vencedores se banquetevam com os cadáveres dos inimigos mortos.

A religião da Polynesia era uma religião de sangue. Os objectos do seu culto eram monstros de iniquidade, que presidiam a todos os phenomenos da natureza: e as cataractas, os desfiladeiros, as cavernas, consideravam-as como habitações destes entes invisíveis. — Os idolos eram troncos informes de pãu, ou pedras brutas, embrulhadas em pannos sagrados, e ás vezes esculpidas. Nestes troncos, ou pedras collocados nos *maraes* ou templos, criam elles que entravam os deuses quando eram invocados pelos sacerdotes. Alguns destes *maraes* eram edificios immensos. O capitão Wilson foi ver um que tinha 270 pés de comprimento, 94 de largo, e 50 de alto, e com degraus por todos os lados, como uma pyramide do Egypto. Estas montanhas artificiaes eram rodeadas de bastos arvores.

Os sacrificios consistiam em aves, feras, peixes e fructos; bem como nas melhores manufacturas, e em victimas humanas. Segundo affirmam os missionarios inglezes, os devotos devoravam a carne destas victimas.

O infanticidio era um dos costumes mais vulgares entre estes barbaros, e a tal ponto estava arreigado, que havia alguns que confessavam terem morto por diferentes vezes oito ou dez filhos. Esta depravada usança fôra posta em yoga por certa sociedade cha-

mada *Areois*, cujos membros sob color de inspirados commettiam quantas abominações podem caber na maldade humana.

Os polynesios são os melhores nadadores do mundo, e excellentes caçadores. Para a pesca tambem teem grandissima habilidade, e recebendo a civilisação ingleza, virão a ser um dia uma das mais industrias nações da Oceania.

#### SIMUN OU CAMSIN.

O VIOLENTO e destruidor vento, chamado no Egypto *camsin*, e na Arabia *simún*, é um dos phenomenos mais maravilhosos da natureza. Quando esta tempestade do deserto começa, os viajantes não podem atravessa-lo sem se arriscarem a morte quasi certa. Os camellos que sentem duas ou tres horas antes a aproximação da terrivel rajada, voltam-lhe as costas e fincam os pés na arêa. Trabalho baldado fôra quere-los tirar desta postura, ainda que estejam sem comer, nem beber, uns poucos dias, que uns poucos delles dura ás vezes o furacão. A providencia deu a estes animaes semelhante instincto, que nunca os engana. Advertidos por este signal, os homens tractam de tomar as necessarias precauções. Não basta pôr os cavallos n'alguma abrigada; é preciso tambem cubrir-lhes a cabeça, e tapar-lhes as orelhas; aliás seriam affogados por turbilhões de arêa subtilissima, que o vento furioso traz diante de si. Os homens reúnem-se em tendas, cujas entradas e fendas tapam com todo o cuidado, depois de se terem provido de agua, que poem em sitio onde facilmente possam lançar mão della: deitando-se, depois, no chão com a cabeça bem embrulhada, e assim estão até passar o furacão devastador. Furiosas rajadas levantam nuvens de arêa abrazada, que fórma redemoinhos impetuozos, e derruba quanto encontra no caminho, e amontoa-se em grandes medões. Se toca em alguma parte do corpo humano, as carnes ficam queimadas, como se lhes houvessem chegado um ferro em brasa. A agua chega a ponto de ferver, e a temperatura do ar nas tendas é a da mais quente estufa. Desgraçados daquelles que não poderam por-se a salvo da tormenta. Quando o *simun* chega a dar na cabeça a alguém, rebenta-lhe logo o sangue ás golfadas pela boca e pelos narizes: a cara incha-lhe, faz-se-lhe negra, calcina-se como se tivesse sido mettida n'um forno a arder, e o infeliz expira dentro de alguns minutos.

Este vento ardente é, por via de regra, precedido de um meteoro avermelhado, que enche grande porção do horisonte: um activo cheiro de bitume, que sae daquella cerração avermelhada, annuncia o *simún*. A nuvem vae-se engrossando, por fim estoura, e a arêa escurece o ar por tal modo, que é impossivel ver nada tres varas adiante dos olhos. Alguns viajantes asseveram que tribus de arabes, e caravanas inteiras, teem sido sepultadas debaixo dos medões de arêa que o vento amontoa; mas estas narrações são por ventura exaggeradas.

Rupel, viajante alemão, de grande saber e tino, tendo experimentado parte dos effeitos deste singular vento, quando passou de Suez ao Cairo, nos deixou uma descripção do *camsin* ou *simún*, a qual parece explicar a causa deste phenomeno.

Elle, e a caravana em que ia, achavam-se no fim do deserto, e apenas a sete horas de caminho longe do Cairo, quando o vento começou a soprar violentamente do susueste, e foi augmentando, até se converter n'um furacão perfeito: o pó e a arêa andavam em um tal redemoinho, e faziam tão densas nu-

vens, que os camellos carregados não se podiam ver na distancia de cincoenta passos. Neste tempo ouviu-se um estouro debaixo do chão, cujo som ia correndo ao longe, e os viajantes sentiam uma sensação dolorosa quando o vento lhe batia de chapa nos corpos: esta sensação assemelhava-se á que produziriam as picadas de grande numero de agulhas finissimas. Primeiramente Rupel attribuiu esta sensação ás minutissimas particulas de arêa, que a violencia do vento arrastava comsigo; mas querendo apanhar algumas destas particulas, achou que era impossivel alcança-lo, e immediatamente lhe veio á idéa de que o sentimento doloroso que experimentava, e o ruído que ouvia correr por baixo do chão, procederiam da electricidade; idéa esta de que ao mesmo tempo eram provas aquelles dois factos. Rupel se confirmou mais na sua opinião, vendo eriçarem-se os cabellos dos seus companheiros, e que as picadas se sentiam com mais violencia nas junctas e nas extremidades do corpo. Expondo depois uma folha de papel contra o vento, nem viu, nem ouviu bater nelle particula alguma de arêa. De tudo isto concluiu que o sentimento doloroso que produz o cainsin é resultado da electricidade.

#### DESTRUIÇÃO D'AURIA.

[Continuado de pag. 231].

### III

PASSADAS tres horas o interprete chegou:—era este o espaço que devia mediar entre uma e outra visita. Isto lhe fôra ordenado sob pena de morte. Não se atreveu a falar a Elfrida, porque esta não olhou para elle ao entrar, como costumava; e sem dar palavra tornou a sair outra vez.

Passaram mais tres horas e o godo voltou outra vez.

“Senhora, trago boas novas!—disse elle:—” Abdelazim, nobre arabe do nosso campo, me invia a vós; elle vos manda dizer que vos ama. Será para vós bem suave destino o viver, e serdes sua esposa querida. Mas escutai-me: ainda vos direi mais: foi Abdelazim quem nos campos vizinhos de Auria vos ergueu do chão, onde jazieis desmaiada, e onde se não fosse elle sericis calcada aos pés dos cavallo. Foi elle quem vos salvou das espadas dos seus companheiros, que vos atalharam a fuga. Foi elle quem para aqui vos conduziu a salvo.

“Era por ventura, perguntou a altiva dama, um cavalleiro, cujo túrbante era mais elevado, e cujos trajos eram mais ricos, do que os dos seus camaradas?”

“O mesmo, replicou o godo.

“Então é elle tambem, exclamou Elfrida, quem derrubou Affonso, o mais valente guerreiro de Auria! Escuta-me, pois, oh godo; a minha resposta é esta, e não o duvides. Estou resolvida a morrer!—nem creias que receio a morte. Perseguiu-me, a noite passada, a idéa de que o ceu me guardava outros fados, e que brevemente a sua omnipotencia viria em meu soccorro. Não penses, portanto, que uma vil hesitação me fez pedir esta demora de doze horas: eu previa que era necessaria ainda na terra, e que não devia morrer tão cedo. Quaesquer que sejam meus destinos, eu não descerei ao sepulchro, sem os ver cumpridos. Agora pensa um pouco:—que és tu aqui?—um desprezível apostata, de quem estes mesmos barbaros se não fiam inteiramente. Em algum momento de desconfiança te assassinarão. Queres tu ser rico?—Queres tu possuir as pompas e grandesas que a riqueza te pôde alcançar n'outro qualquer paiz? Godo, responde-me!

O seu olhar fero, que penetrava até os seios d'alma atterrou o assustado velho, que ficou mudo diante della. Elfrida percebeu a sua perturbação, e antes de elle poder responder, continuou com altivez:

“Eu tenho mais riquezas do que todas as que tu podes imaginar em teus sonhos de ambição. Serão tuas, oh godo; serão tuas!—e com ellas poderás fugir para algum paiz mais seguro do que este. Para destruir tuas duvidas neste mesmo logar te posso dar um signal do que te farei possuir. Em paga de taes beneficios só te peço uma cousa; que executes com fidelidade, por oito dias, as minhas ordens, e só as minhas. Não hesites!—não te é novo o mudar de senhor. Já deixaste a mais nobre causa, para seguir a mais vil: não te deve custar agora tanto o trocar o mal pelo bem. Sabe mais que nada arriscarás no serviço que te peço: sendo-me leal, estás seguro. Lembro-te que eu não receio morrer—que até a isso estou resolvida. Se me atraigoares a ti só atraigoas. Ficaste immovel? Vai, pensa uma hora—não mais:—depois torna aqui. Dizendo isto voltou-lhe as costas, e o seu guarda desapareceu.

Elfrida apenas podia conter a satisfação de assim haver enredado o godo. Nunca houve hora, que lhe parecesse tão longa como esta; e crendo antes de tempo que ella tinha passado, já começava a temer que o vil apostata não voltasse; mas finda ella, o godo voltou.

“Senhora, disse elle, pensei nas palavras que me haveis dicto, e não posso obedecer-vos. Formosa dama, eu me compadeço de vós!”

“Compadeceres-te de mim!” interrompeu ella, suffocada de furor. “Compadeceres-te de mim! Desgraçado!—compadecete de ti que estás em meu poder!—Que atrevimento é o teu? Que significam estes elogios que me fazes de formosa? Agora comprehendendo bem o sentido de tuas lisonjeiras e doces expressões. Abdelazim verá como executaste fielmente a commissão, de que te encarregou. Saberá o arabe teu senhor, que tu buscaste substitui-lo, e empolgar a sua presa.

O apostata ficou atterrado; mas entrando em si, no mesmo instante, respondeu com um sorriso. “Debil mulher!—e quem referirá ao nobre arabe o conto sentimental da presumpção do teu interprete?”

“Quem, dizes tu?”—clamou Elfrida com o acento de uma raiva profunda—e parou; mas por um momento.—“Quem?—tu mesmo!—Serás tu em ferros quem lh'o diga. Oh lá!—não ha ahí guardas?—E' esta a hora propria de entrares assim clandestinamente no quarto da tua captiva? Ainda não passaram tres horas depois que estiveste aqui:—oh lá, guardas!—E ella corria para a porta.

“Parai, parai, Senhora!” clamou o godo atterrado.

“Fala já!” gritou a desvairada Elfrida, com uma voz retumbante:—Fala já—ou morres por ter aqui entrado. Não te demores; ajoelha, e promette de ser meu servo, só por estes sete dias, de que te falei; e a vida e as riquezas serão tuas.” Ella tinha a dextera estendida para o godo, e vendo-o irresoluto e estupefacto, lhe arrancou um punhal, que tinha á cinta, pendurado juncto do alfange, e ia outra vez dirigir-se para a porta. Então o velho caiu a seus pés. “Jura em nome do ceu!”—disse ella: e, humilde, o renegado deu o pedido juramento.

Elfrida se tranquillizou pouco a pouco: “Agora procura Abdelazim” proseguiu ella. “Diz-lhe que meu nome é Elfrida e que nada mais saberá. Vai e assegura-lhe que serei sua esposa.” Então tirando uma joia que tinha escondida: “Ahi tens, accrescentou, o promettido signal das riquezas que te offe-

reci" [ os olhos do godo brilharam de prazer ] mas guarda-te que os mouros a vejam, por que não seria tua muito tempo! diriam até que a roubaste. Quanto ao punhal eu não to restituirei; elle será uma testemunha contra ti, se me fores desleal. Toma pois cuidado: depois te darei novas ordens. Entretanto dirige-te a Abdelazim, unica pessoa que eu consentirei de mim se aproxime." O assombrado apostata saiu da sua presença ao ouvir estas ultimas palavras; e ella ficou sosinha. (Continuar-se-ha.)

#### CHRISTINA, RAINHA DE SUECIA.

CHRISTINA nasceu dotada do enthusiasmo d'um heroe; e dos talentos d'um varão insigne; tinha cabeça de ministro d'estado, e coração de principe magnanimo. Quando tomou as redeas do governo, assombrou, apesar da sua juventude, aos senadores que tinham envelhecido na sciencia das leis, e no estudo da politica. Nunca soberano algum examinou com mais sagacidade e constancia as particularidades da publica administração. Queria ver e ouvir tudo relativo ao governo do reino: consultava sempre, mas não se deixava levar pelo prestigio da auctoridade, ou do credito. Julgava por si propria os diversos pareceres, muitas vezes emittia uma opinião nova; e tal conceito ganhou que as suas decisões eram respeitadas e tidas por oráculos da razão e da prudencia. Conseguiu adquirir a arte difficillima de reinar, pelas disposições de uma alma vigorosa e activa, e por uma educação laboriosa e varonil. Pouco cuidado lhe mereciam os enfeites; não tolerava espelhos; queria parecer amavel, mas a seu modo, isto é pelas graças do entendimento. Despresava os divertimentos e occupações de character affeminado. Estudar as linguas antigas e modernas, profundar os mysterios das sciencias, cultivar a litteratura, instruir-se nas artes uteis, dar-se aos cuidados do regime dos seus povos, desempenhar os deveres da magestade, taes eram as suas occupações: emprehender longas jornadas, já a pé, já a cavallo, entrar em grandes caçadas, dormindo ao sereno, ou vigiando, afazer-se aos perigos e incomodos destes exercicios, taes eram os seus divertimentos. Era infatigavel e tenaz em seus projectos. Quando menina passou muitos dias sem beber, porque lhe não queriam ministrar a agua pura, tendo ella decidida aversão a todas as bebidas espirituosas e facticias.

Até aqui temos enumerado as suas boas qualidades; mas para resenhar os seus defeitos, invoquemos o testemunho das suas memorias: seja Christina o seu proprio juiz. Alli nos diz que era "*desconfiada, excessivamente ambiciosa, colerica, activa, impaciente, e escaroadora, meia devota, meia incredula, de um temperamento fervido e impetuoso, com tendencia para o amor.*" Não succumbiu porém a esta inclinação, por effeitos do seu desmedido orgulho, e porque era incapaz de sugeitar-se a pessoa alguma. Quando, na epocha da sua maioridade, os estados lhe pediram que se casasse, respondeu-lhes: eu prefiro designar-vos um bom principe, e um successor capaz de suster com esplendor e rectidão as redeas do governo. Cessae d'instar-me para casar: tanto póde acontecer dar-vos por successor um Nero como um Augusto.

Christina não possuia aquella affabilidade propria do seu sexo; e fazia pouco cabedal dos attractivos e graças, em que todas fazem consistir o seu dominio, e influencia. A ambição de gloria era a sua paixão dominante; porém não poucas vezes a illudiram falsas apparencias, e o seu character impetuoso a conduzia a extremidades. Uma das suas maiores semra-

zões foi abandonar o throno, onde o seu nascimento, os seus talentos, e a sua natural propensão a deveriam manter. A sua administração foi gloriosa para a Suecia. Esta rainha entraria no catalogo dos grandes principes se tivesse continuado a governar. Um genio transcendente tem feições que o constituem original, e que o levantam acima do vulgo; mas é necessario que occupe o seu logar proprio; tirado dahi contrasta asperamente com os espiritos communs; e vem forçosamente a ser mal julgado. Assim aconteceu a Christina depois de ter abdicado. Ella era capaz de grandes obras, mas tendo saído da sua esphera por um mal entendido amor da liberdade, e do estudo, veio representar na sociedade um papel ridiculo. Debalde pertendeu conservar o tom da sua antiga grandeza, obrar, e figurar como soberana: os seus defeitos, as suas qualidades, e até as suas virtudes não convinham ao estado que lhe fez abraçar o seu capricho.

Christina, filha de Gustavo Adolpho, abdicou em 16 de Junho de 1654, e morreu em Roma a 19 de Abril de 1689, de 63 annos d'idade.

#### FONTE DE OLEO NA AMERICA.

VAE por doze annos, que estando-se a abrir perto de Burkesville (Kentuky) um poço artesiano, com o fim de tirar agua salgada, quando já tinham chegado, depois de furado um leito de rocha solida, á profundidade de mais de trescentos palmos, deram com um manancial de oleo puro, que desde esse momento produziu um repucho constante, elevado dezoito palmos acima da superficie do terreno. Posto que a força do repucho diminuisse um tanto, alguns minutos depois da primeira erupção, durante a qual suppoem ter emittido 75 gallons por minuto, continuou todavia sem interrupção por espaço de muitos dias.

Como o poço estava ao pé da foz e n'uma das margens d'uma pequena regueira que desagua no rio de Cumberland, derramou-se o oleo e fluctuou largo espaço na superficie das aguas. Muitos habitantes desejosos de saber se este oleo, ou por fallar com mais exaécção, se este bitume, tinha a propriedade de se inflamar, chegaram-lhe um archote: inflammou-se com a rapidez do relampago, e os habitantes desfructaram o espectáculo nunca visto d'um rio incendiado, cujas chammas chegavam ás maiores alturas, e queimavam os cimos das arvores, com indizível medo, e real prejuizo dos habitantes.

Este oleo ou bitume é extremamente inflammavel, e dá luz tão pura e brilhante como a do gaz. Igno-ravam-se até então as suas outras propriedades; porém depois que guardaram n'um barril certa porção d'elle, conheceram que quasi todo tinha escoado pelas junctas das aduellas; por que esta substancia é tão volatil que é impossivel encerra-la em vasilhas de páu, e contem tão grande quantidade de gaz que muitas vezes arrebeta os vasos que a encerram, quando não teem respiradouro. A sua côr é verde, porém exposta ao ar faz-se parda; teem um cheiro acre e indefinivel, e sabe a essencia d'alcatrão.

Durante um pequeno periodo depois da descoberta deste manancial, vinha d'envolta com a agua salgada uma pequena porção d'oleo quando se dava á bomba, o que fez conceber a idéa de que sempre seria possivel extrai-lo por esta maneira; mas inuteis foram todas as tentativas feitas para obte-lo por qualquer outro meio, que não fosse o de um jorro espontaneo. Em 4 de Julho de 1835 começou a segunda emissão, que houve naquelles ultimos seis annos; durou perto de seis semanas, e rendeu quasi vinte pi-

pas d'oleo. Quando ha taes jorros, sente-se um mo-  
zím semelhante ao estrondo de um trovão ao longe,  
e o gaz inflammado que bem se divisa na abertura  
superior da bomba, obriga todos os estrangeiros a per-  
guntarem se o poço está incendiado.

Logo depois do descobrimento deste oleo suspeita-  
ram que elle conteria algumas virtudes medicinaes.  
Esta lembrança induziu muitas pessoas a experimen-  
tarem-o em muitos casos diversos. Os que o experi-  
mentaram como medicamento recommendam o seu  
uso no rheumatismo, na tísica pulmonar, na dys-  
pepsia, golpes, feridas, e em geral em todas as mo-  
lestias cutaneas. Dizem que cinco minutos depois de  
ser applicado sobre as queimaduras, põe termo ás do-  
res que ellas causam, e que pôde servir de remedio  
especifico para todas as enfermidades das cavalgadur-  
as. Deram-lhe o nome de *Oleo Americano*, e nos  
ultimos annos logrou grandissima reputação nos es-  
tados de Kentucky e d'Ohio.

#### A AVAREZA.

Só por enthesourar enthesoura o avarento, que não  
para supprir as suas necessidades; porque a si pro-  
prio refusa o necessario: mais precioso é para elle o  
dinheiro, do que a saude, a vida, e a propria essen-  
cia: todas as suas acções, intentos, e affectos levam  
a mira só neste malaventurado objecto. Todos conhe-  
cem isto; mas pouco lhe importa a elle que os outros  
lhe conheçam este hediondo vicio, pois tal é o carac-  
ter de tão vergonhosa paixão, que em tudo se mani-  
festa; nenhuma acção inspira, que não leve o seu mal-  
dicto ferrete, e para ninguem é mysterio senão para  
o proprio avaro. Todas as demais paixões se disfar-  
gam, e escondem: o desattento descobre-as ás vezes,  
mas, por via de regra busca esconde-las nas trevas.  
Mas o avarento só a si esconde o seu vicio. Bem lon-  
ge de o affastar dos olhos do publico, tudo o revela  
e o mostra despido nelle: tra-lo escripto no fallar, nos  
actos, nos gestos, e, por assim dizer, na frente.

A idade e as reflexões curam ordinariamente as ou-  
tras paixões, ao passo que a avareza parece renovar-  
se e fortificar-se com a velhice. Quanto mais cami-  
nhamos para o momento fatal, em que todo esse the-  
souro urdido nos hade ser arrebatado, tanto mais nos  
afferramos a elle; quanto mais a morte se avizinha,  
tanto mais nos comprazemos em miseraveis riquezas,  
tanto mais as temos em conta de necessario peculio  
para um chimerico porvir. Assim, podemos dizer que  
a idade remoga esta paixão infame: os annos, as  
doenças, as reflexões a gravam, cada vez mais profun-  
damente, na alma: ella se alimenta e accende com  
os mesmos remedios que saram e apagam as outras.  
Tem-se visto homens, em tal caducidade, que mal  
pódem suster o cadaver a ponto de desfazer-se em pó,  
não conservarem, no desfallecimento total das facul-  
dades da alma, um resto de sensibilidade; um leve  
signal de vida, senão para conservarem esta vilissima  
paixão, para a sustentarem e reanimarem sobre as  
ruinas de quaesquer outras. Tem-se visto ser por el-  
la o ultimo suspiro de taes desgraçados: seus ultimos  
cuidados serem por ella só; e o misero avarento, que  
expira, volver os olhos moribundos para o dinheiro,  
que lhe arrebatava a morte, mas cujo amor lhe não pô-  
de desapegar do coração. — *Massillon.*

#### DEMÓCRITO E HERÁCLITO.

ENTRE os philosophos da antiguidade nenhuns foram,  
como estes dois, tão oppostos em opiniões, seguindo

um o extremo contrario á opinião do outro. Demó-  
crito, de Abdera, tinha para si que a humana con-  
dição era ridicula, e o proceder dos homens vão e di-  
gno de desprezo, e por isso de tudo ria e escarneava.  
Heráclito chorava de continuo as miserias dos seus  
semelhantes. Montagne diz: — “Eu prefiro o genio  
do primeiro ás lamurias d'Heráclito; não porque é  
mais plausivel o riso do que o pranto, mas por ser  
aquelle o indicador da zombaria. A lastima e a com-  
miserção suppoem sempre alguma estimação do ob-  
jecto que lastimâmos; mas as cousas de que zombâ-  
mos as temos em nenhum apreço. Eu penso que o  
genero humano não está carregado com tamanha do-  
se d'infelicidade, como de vaidade, nem ainda assim  
com tanto peso de vaidade como de toleima; não é  
portanto tão digno de lastima como d'escarneo.”

Demócrito ria tão continuadamente que os seus  
compatricios, os abderitanos, o reputaram demente,  
e chamaram o sabio Hippocrates, o patriarcha da  
medicina, para que o curasse; mas logo que o me-  
dico conferenciou com Demócrito fez tal conceito do  
saber deste philosopho que disse aos de Abdera que  
elles que se tinham em conta de sãos eram os verda-  
deiros doentes.

#### ANNOS de J. C. SEMANARIO HISTORICO.

Julho 22

1812 — Batalha de Salamanca em que o general fran-  
cês Marmont foi derrotado pelo duque de  
Wellington. 23

1505 — D. Francisco d'Almeida conquista a cidade  
de Quiloa na costa oriental da Africa. 24

1511 — Entra Affonso de Albuquerque pela primei-  
ra vez na cidade de Malaca. Vejam-se os nu-  
meros 60 e 61. 25

1109 — Nasce D. Affonso Henriques em Guimarães.

1139 — No mesmo dia é aclamado rei, ganhando a  
famosa batalha de campo de Ourique.

1415 — Parte de Lisboa elrei D. João 1.º com uma  
frota de mais de 300 vellas, para a conqui-  
sta de Ceuta. 26

1581 — As sete provincias de Hollanda, Zelandia,  
Utrecht, Frislandia, Groninga, Overysse, e  
Gueldres se declaram independentes da Hes-  
panha.

1793 — Estabelece-se a primeira linha de telegraphos  
em França. 27

1557 — Henrique 2.º auctorisa o estabelecimento da  
inquisição em França: oppõe-se o parlamento.

1809 — Batalha de Talavera. 28

1641 — São presos varios conspiradores que trama-  
vam derrubar elrei D. João 4.º e entregar  
outra vez Portugal a Castella. Era cabeça da  
conspiração o arcebispo de Braga.

1794 — Robespierre é guilhotinado.

1813 — Morre Junot, duque de Abrantes.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora  
dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo  
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,